

Meditações de 7 de Setembro

Rubem Braga

SETE de setembro é um dia para bonitas paradas; mas ao cair da tarde, quando a tropa já se recolheu, e o eco dos clarins e dos discursos oficiais já se perdeu no ar, talvez haja algum tempo para meditação.

Foi em um 7 de setembro que o Brasil proclamou sua independência política; ficou sendo uma Nação livre.

Relativamente livre, é claro; mas em todo caso capaz de decidir sobre seus problemas aqui mesmo, neste Rio de Janeiro, sem ter de se governar por leis forjadas em Ultramar. Já naquela época o nacionalismo era uma grande força mística; de então para cá o número de nações aumentou, ou pela união de cidades e regiões vizinhas ou pela desagregação de grandes impérios. Nestes últimos 20 anos, isto é, depois da Segunda Grande Guerra, o fenômeno que ao tempo de nossa independência se propagava no continente americano alastrou-se pela África e pela Ásia.

A divisão do mundo em nações não é, certamente, ideal; o universalismo, a concepção de uma humanidade sem fronteiras garantidas por exércitos é, certamente, uma concepção mais bela. Mas o nacionalismo ainda é o grande fato. Em nosso caso brasileiro ele é, para começar, a força que mantém juntas as várias regiões de nosso território. Não houvesse, e não se cultivasse a mística do nacionalismo, que razões poderiam ter algumas de nossas regiões — como o Nordeste e a Amazônia — para continuar a ser Brasil? Para nossas regiões mais desenvolvidas aqueles territórios são um mercado fechado, às vezes produtor de divisas, e o Nordeste é também um grande fornecedor de mão-de-obra barata e dócil. Só muito recentemente, com a SUDENE, começa a se formar a consciência de que não é possível continuar a explorar aquelas regiões em termos de colônia, ou dedicar-lhes verbas de caráter simplesmente assistencial; de que é necessário desenvolver sua economia, para abrir perspectivas de uma vida melhor ao seu povo, mesmo que isso contrarie interesses momentâneos de muitos donos de suas terras. Mas se o Norte até hoje é Brasil é porque a força do sentimento nacionalista é muito grande.

Do ponto de vista externo, nosso nacionalismo tem de ser defensivo; é a defesa dos interesses autênticos da Nação, não apenas os imediatos como os permanentes, contra o domínio e a exploração deste país por outros mais desenvolvidos. Chovinismo, xenofobia e patriotices baratas de vários tipos são o lado irracional do nacionalismo; esse lado irracional pode ser manejado contra a Argentina, contra Portugal, os Estados Unidos, a Rússia ou qualquer outro país. Mas o nacionalismo esclarecido é outra coisa; implica em uma luta incessante e lúcida pelo desenvolvimento nacional com uma filosofia própria, quero dizer, com a formação de um certo corpo de princípios que correspondem às peculiaridades e aos interesses nacionais, e uma atitude crítica diante das idéias-feitas que outros países procuram nos fazer aceitar porque correspondem aos seus interesses. Implica em uma política exterior de formulações arduamente trabalhadas, de reflexão, de independência mental diante das realidades do mundo de hoje; em ter sempre presente a premissa, de que o nosso desenvolvimento interessa antes de tudo a nós mesmos; de que só se capitularmos da nossa faculdade de decidir e de negociar poderemos ser tratados como um simples peão no tabuleiro de xadrez da política internacional.

Um exemplo luminoso do irracionalismo sectário com aceitação de idéias-feitas foi o envio de tropas à República Dominicana; bastou-nos ouvir dizer que havia comunismo ali e lá foram nossos soldados «defender a Civilização Ocidental»; agimos como capangas oferecidos, acodados, tolos — e, aos olhos de todo o mundo, para dizer a palavra exata, ridículos. Financeiramente, essa aventura guerreira de nenhuma glória nos será pesada; pior ainda que isso é o respeito que perdemos aos olhos de nossos irmãos da América Latina e, no fundo, dos próprios Estados Unidos.

Outro fenômeno de submissão mental humilhante, injustificável, boba e contra o interesse nacional é nossa atitude de apoio ao colonialismo português, que a todos instante se agrava.

A crônica está comprida, paro aqui; mas como o dia, sendo de comemoração cívica, é de festa militar, concito nossos militares, a começar pelo chefe e mais responsável de todos eles, o presidente da República, a um pouco de meditação, quando se perderem no ar os ecos dos clarins e dos discursos oficiais...

7-9.65